

Cultura e poder no *post-mortem*: um estudo de Arqueologia Histórica dos cemitérios Santa Isabel (SE) e Recoleta (AR)

*Janaina Cardoso Mello*¹

*Rafael Santa Rosa Cerqueira*²

Resumo: A pesquisa apresentada nesse artigo elegeu os cemitérios Santa Isabel, fundado em 1865, em Aracaju (SE) e da Recoleta em Buenos Aires (AR), inaugurado em 1822, como objetos de estudo comparativo da Arqueologia e da História enquanto áreas interdisciplinares de reflexão. Uma análise simbólica da arte tumular fotografada entre 2011 e 2012 nos dois cemitérios, acompanha a coleta de dados quantitativos sobre os sepulcros e as notas de falecimento em jornais. Assim, através de leituras de Dethlefsen, Chartier, Lima, Pesavento, Ribeiro, Rodrigues, Schávelzon, e Magaz dentre outros, busca-se compreender o espaço cemiterial como um ambiente carregado de símbolos que representam a morte e revelam como a necrópole de sociedades em constante mudança serviu para reproduzir a estratificação social do mundo dos vivos.

Palavras-chave: Cemitério. Arte tumular. Símbolos. Poder. Cultura.

Abstract: The research presented in this article chose the Santa Isabel cemetery, founded in 1865, in Aracaju (SE) and Recoleta in Buenos Aires (AR), opened in 1822, as objects of comparative study of Archeology and history while interdisciplinary areas of reflection. A symbolic analysis of the funerary art photographed between 2011 and 2012 in two cemeteries, accompanies the collection of quantitative data on the graves and the death notes in newspapers. Thus, through readings of Dethlefsen, Chartier, Lima, Pesavento, Raja, Rana, Schávelzon, and Magaz among others, seek to understand the cemiterial space as an environment loaded with symbols that represent death and reveal how the necropolis of changing societies served to make the social stratification of the world of the living.

Keywords: Cemetery. Funerary art. Symbols. Power. Culture.

¹ Profª. Adjunta do Departamento de Museologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e colaboradora/pesquisadora do Departamento de História (UFS); líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memória e Patrimônio Sergipano (GEMPS/CNPq); Pesquisadora FAPITEC-SE; Professora nos Mestrados em Arqueologia (PROARQ), História (PROHIS) UFS e em História (PPGH) da Universidade Federal de Alagoas.

² Mestrando em História pela Universidade Federal de Alagoas (PPGH-UFAL).

A pesquisa das lápides por Edwin Dethelefsen e James Deetz junto com a arte tumular revelou grande valia para a compreensão da cultura material nos cemitérios norte-americanos do século XVIII, trazendo uma riqueza de informações sobre o padrão cultural e suas mudanças. Segundo Dethelefsen e Deetz: *“The distinctive symbols employed as decorative elements are in part a function of religion, and therefore changes in this aspect of culture can be investigated as they relate to other areas of change.”*³

Em 1967, Dethelefsen e Deetz realizaram um estudo demográfico das lápides do período setecentista, afirmando: *“Fortunately the historic archaeologist can often make use of non-archaeological data, and we are fortunate in having vital records available to supplement the data of many Colonial cemeteries”*⁴ e ressaltando a interdisciplinaridade da Arqueologia histórica.

No Brasil, Tania Andrade Lima (1994) analisou 5 cemitérios da capital

carioca (São João Batista, São Francisco Xavier, Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula, Ordem de Nossa Senhora do Carmo e Ordem de São Francisco).⁵ Marily Simões Ribeiro, reforçando as práticas mortuárias como campo de estudo da Arqueologia, afirmou:

a Arqueologia estuda os remanescentes das práticas que envolveram a morte, o funeral, os restos materiais dos atos que foram praticados no destino escolhido pelo corpo, os vestígios das opções da sociedade e da família do morto para sua memória, a simbologia que deu lógica às práticas mortuárias.⁶

Já Eduardo Rezende focou “o uso sócio-espacial do cemitério”⁷, optando “pela abordagem histórica de longa duração (do século XVI ao começo do século XXI) não apenas para notar a superação da forma dos cemitérios, mas para verificar a presença atual de cemitérios na metrópole de várias temporalidades.”⁸ Destaca-se a visão espacial, ou seja, como os cemitérios interagem com o seu entorno (sociedade).

³ “Os símbolos distintivos utilizados como elementos decorativos são em parte uma função da religião, e, portanto, mudanças neste aspecto da cultura podem ser investigadas como elas se relacionam com as outras áreas de mudança” (tradução livre). In: DETHLEFSEN, Edwin; DEETZ, James. *Death’s heads, cherubs and willow trees: experimental archaeology in colonial cemeteries. American antiquity*, 1996, 31:4, p. 592.

⁴ “Felizmente o arqueólogo histórico muitas vezes pode fazer uso de dados não-arqueológicos, e temos a sorte de ter registros vitais disponíveis para complementar os dados de muitos cemitérios coloniais” (tradução livre) In: DETHLEFSEN, Edwin; DEETZ, James. *Eighteenth century cemeteries: a demographic view. Historical Archaeology*. Vol I, 1967, p. 41.

⁵ LIMA, Tania Andrade. De morcegos e caveiras a cruzes e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais). *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Ser. Vol.2 p. 87-150, jan./dez. 1994.

⁶ RIBEIRO, Marily Simões. *Arqueologia das práticas mortuárias: uma abordagem historiográfica*. São Paulo: Alameda, 2007, p. 19.

⁷ REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. *O céu aberto na terra; uma leitura dos cemitérios de São Paulo na geografia urbana*. São Paulo: E.C.M.Rezende, 2006, p. 11.

⁸ Id, *Ibid*, p. 12.

Em *Cemitérios*, espécie de manual para os estudiosos do campo, Eduardo Morgado Rezende salienta: “esse texto não tem a intenção de esgotar o assunto, ele é um pequeno guia para aqueles que não sabiam como entrar nos estudos cemiteriais, o fiz para atender aos inúmeros pedidos de informações, bibliografia e temas ligados a cemitério.”⁹

E ao adentrar a questão da estratificação social da morte, Bellomo (2000) chama atenção também dos historiadores para o fato de que:

ao longo tempo as sociedades humanas estão em constante transformação e os cemitérios constituem-se vestígios a céu aberto que propiciam aos historiadores interpretações históricas dessas sociedades. São fontes escritas e não escritas para a reconstrução do passado, pois viabilizam a compreensão das relações sociais que se desenvolvem continuamente dentro de determinado grupo social.¹⁰

Inspirada nesses estudos, a pesquisa aqui delineada elegeu os cemitérios Santa Isabel, em Aracaju (SE) e da Recoleta, em Buenos Aires (AR) como objetos de estudo comparativo sob as lupas da Arqueologia e da História enquanto áreas interdisciplinares de reflexão cognitiva.

Desse modo, a pesquisa objetivou: (a) compreender, a partir do espaço sepulcral de dois cemitérios, como o ima-

ginário coletivo da morte em Aracaju e em Buenos Aires, influenciou a estratificação social desses locais; (b) classificar os diferentes tipos de sepulturas através do tipo de material empregado, arte tumular utilizada, estilo arquitetônico e localização; (c) descrever os diferentes símbolos dos jazigos para representar a morte.

Cemitério Santa Isabel: do combate aos miasmas à ostentação da opulência sergipana

Fundado em 25 de fevereiro de 1862, o cemitério Santa Isabel, na Praça Princesa Isabel, bairro Santo Antonio, Aracaju/SE (fig.1), tinha por objetivo extinguir os enterramentos no interior e ao redor das igrejas, livrando a população do convívio diário com os mortos e os gases pútridos – supostos causadores de miasmas¹¹ - exalados com frequência pelas fendas dos túmulos. Configura-se como o mais antigo em atividade e de sua criação até fevereiro de 2003 o cemitério Santa Isabel ocupou o *status* de sepulcrário mais importante da capital sergipana. Nele foram sepultados empresários, médicos, políticos, bacharéis em direito entre outras esferas opulentas da sociedade sergipana.

⁹ REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. *Cemitérios*. São Paulo: Editora Necropólis, 2007, p. 10.

¹⁰ BELLOMO, Harry (org). *Cemitérios do Rio Grande do Sul*: arte, sociedade, ideologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 15.

¹¹ “Exalação pútrida que emana de animais ou vegetais em decomposição”, segundo o dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 2.0.

Fig. 1: Vista aérea do cemitério Santa Isabel, Aracaju – SE



Fonte: *Google Earth* (disponível em: 29-01-2010).

Esse campo-santo foi erigido através das doações do Imperador D. Pedro II (1 conto de réis) e do Presidente da Província, Joaquim Jacintho de Mendonça (5 contos de réis). Relatórios dos diversos presidentes sobre os primeiros anos de atividade no local informam que, em 1862, houve movimentação de 133 cadáveres, sendo 13 deles cativos,¹² no ano de 1866 foram realizados 186 sepultamentos, dos quais 6 eram escravos;¹³ em 1868, foram enterradas 269 pessoas, sendo 16 cativos,¹⁴ por fim, ao longo de 1870, ocorreram 277 enterramentos, sendo 12 destes escravos,¹⁵ Assim, até 1870, o cemitério Santa Isabel recebeu 865 corpos de diversos gêneros e classes sociais, atestando o seu

uso por toda a sociedade aracajuana, na segunda metade dos oitocentos.

Em Sergipe, o período republicano marca a queda dos engenhos de açúcar para o advento das usinas. Salienta-se ainda a criação das fábricas têxteis “Sergipe Industrial”, no ano de 1882 e a “Fábrica Confiança”, em 1918. As mudanças ocorridas em Aracaju proporcionaram a vinda de empresários do interior para a capital, gerando uma burguesia ascendente e ostentando poder,¹⁶ configurando a partir de então uma nova relação entre vida e morte.

Aracaju viveu, assim, no decorrer das quatro décadas da Primeira República, considerável aumento populacional: em 1890, o número de habitantes era 16.336; já em 1930, o quantitativo de residentes triplicou, alcançando 50.564 pessoas.

¹² Sergipe (Província), Presidente Jacintho de Mendonça. 01 de março de 1862.

¹³ Sergipe (Província), Vice-Presidente Francisco Ramos. 20 de janeiro de 1866.

¹⁴ Sergipe (Província), Presidente Ferreira da Veiga, 01 de março de 1869.

¹⁵ Sergipe (Província), Presidente Cardoso Junior, 11 de maio de 1871.

¹⁶ DANTAS, Ibarê. *História de Sergipe: República (1889-2000)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004, p. 52.

O ligeiro crescimento econômico e populacional desvelou então a insuficiência da infraestrutura aracaçuana. A cidade – que outrora não tinha ruas calçadas, água encanada, rede de esgoto e eletricidade – precisou ganhar investimentos em urbanização, o que foi feito nos governos de Josino de Menezes (1902-1905), Guilherme de Souza Campos (1905-1908), Rodrigues Dórea (1908-1911), José Siqueira de Menezes (1911-1914), General Oliveira Valadão (1914-1918), Pereira Lobo (1918-1922), Graccho Cardoso (1922-1926) e Manoel Corrêa Dantas (1927-1930). Houve avanços significativos: melhorias no transporte entre capital e interior, construção de cais no rio Sergipe, instalação de transporte urbano (bondes da Carris Urbanos¹⁷), implantação de rede elétrica, abastecimento de água, criação de rede de esgotos, inauguração de novos aterros e elaboração do Código Sanitário, dentre outros, “melhorando sobretudo a feição de Aracaju.”¹⁸

Inexorável a todos, a morte deixa de ser considerada evento individual e torna-se coletivo: “é um acontecimento traumático para a comunidade: uma verdadeira crise, que pode ser dominada mediante a adoção de ritos que transformam o acontecimento biológico num processo social.”¹⁹ Dessa forma, a sociedade aracaçuana, durante

os 41 anos da Primeira República, criou seus ritos, fez dos funerais eventos sociais, transformou a morte em uma “passagem de uma forma de vida social a outra.”²⁰

Durante a Primeira República, a sociedade sergipana adotou o estilo barroco de viver e morrer, de acordo com seus preceitos cristãos. O trespassse era feito com pompa, acompanhado por multidões que lotavam os bondes de tração animal rumo ao cemitério Santa Isabel. Notas de falecimento ou necrologias estampavam os impressos, com informações detalhadas dos cortejos fúnebres e do defunto; empresas e artistas reproduziam propagandas de coroas mortuárias e frontões para caixões, apontando, assim, um verdadeiro comércio em torno da morte²¹. Esta, portanto, ganha *status* de acontecimento social, em que os vivos encaminham (singela ou pomposamente) seus entes queridos para a vida eterna.

O Père Lachaise portenho: cultura material do poder no Cemitério da Recoleta

Um dos bairros mais nobres de Buenos Aires, o Recoleta abriga o cemitério de mesmo nome com 54 hectares

¹⁷ Empresa responsável pelo transporte urbano na capital através de bondes.

¹⁸ DANTAS, Ibarê. Op.cit., p. 38.

¹⁹ GINZBURG, Carlo. Representação: a palavra, a ideia, a coisa. *Olhos de Madeira*: nove reflexões sobre a distância. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 88.

²⁰ RODRIGUES, Cláudia. *Lugares dos mortos na cidade dos vivos*: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1997, p. 149.

²¹ Cf. Jornal Diário da Manhã – terça-feira, 26 de agosto de 1913. pp.1-2; Jornal Diário da Manhã – segunda-feira, 18 de abril de 1915. p.2; Jornal Diário da Manhã – quarta-feira, 14 de Julho de 1915, p. 3.

(figs.2 e 3) onde foram sepultados Vicente López y Planes (autor do hino nacional da Argentina); o bioquímico Luis Federico Leloir (Prêmio Nobel de Química); o político e advogado Carlos Saavedra Lamas (Prêmio Nobel da Paz);

Juan Andrés o general Gelly y Obes (chefe do Estado-Maior Argentino na Guerra do Paraguai); a ex-primeira dama Eva Perón, além de vários outros ex-presidentes da Argentina e demais personalidades.

Figura 2: Painel com a planta baixa do cemitério da Recoleta, Buenos Aires.



Fonte: Fotografia Janaina Mello (2012)

Inaugurado em 1822, o traçado urbanístico de autoria do engenheiro francês Próspero Catelin foi remodelado pelo arquiteto italiano Juan Antonio Buschiazzi – chefe do Departamento dos Engenheiros Municipais – já na gestão de Torcuato Antonio de Alvear y Sáenz de la Quintanilla, em 1881, como presidente da Comissão Municipal de Buenos Aires.

Logo depois, foi criada a figura política do intendente, designado pelo presidente da nação argentina em comum acordo com o Senado. Desse modo, Avelar fora empossado como o primeiro intendente da cidade pelo presidente Julio A. Roca, exercendo o cargo no período compreendido entre 10 de maio de 1883 e 10 de maio de 1887.

Vinculado à aristocracia argen-

tina, Avelar foi responsável por uma série de reformas urbanas em Buenos Aires, buscando erigir uma imagem cidadina ao estilo francês, sendo nesse processo muito influenciado pela renovação estética-urbana do Barão Haussmann em Paris.

A arquitetura urbana, entre o final do século XIX e início do século XX em Buenos Aires, foi permeada por correntes ecléticas e mais tarde denominadas de “neovernáculo”, “tapera revival” ou “estilo de grotescos e rocallas” importadas da França.²²

²² SCHÁVELZON, Daniel; MAGAZ, María del Carmen. Cuando el arte llegó al cemento: Arquitectura de grotescos y rocallas en Buenos Aires. *Todo es Historia*, nº 320, marzo de 1994, pps. 62-70, Buenos Aires.

Fig. 3: Planta cemiterial 2D da entrada do Recoleta, Buenos Aires.



Fonte: Fotografia Janaina Mello (2011)

Tanto o século XIX quanto o início do século XX foram marcados pelo desejo de ostentação estética no *post-mortem* argentino, dessa forma, a aristocracia portenha exibiu sua riqueza nos túmulos de modo similar ao que ocorrera no *Père Lachaise*, o cemitério parisiense onde estavam sepultados Honoré de Balzac, Marcel Proust, Oscar Wilde, Eugène Delacroix, Horácio Pinto da Hora (pintor sergipano), Pierre Bourdieu, Auguste Comte, Fernand Braudel, Maria Callas, Édith Piaf, dentre outras celebridades das artes e ciências. As famílias ocupavam o cemitério da Recoleta nos finais de semana, fazendo piqueniques para manter a proximidade com seus antepassados.

Símbolos mortuários: representações sociais de tradição e poder

Compreendem-se os símbolos mortuários, traçando o contexto do artefato (túmulo) com o seu proprie-

tário e mostrando a pujança das sociedades sergipana e argentina no tocante à morte. No túmulo pertencente à família Coelho Sampaio (fig.4), onde jaz Jesuína Carolina Alves Sampaio (+20/02/1875), Dr. Francisco Sabino de Coelho Sampaio (+03/07/1893) e Edgard Coelho (+12/08/1988), observa-se que a família importou o anjo e a pedra em formato de cruz da Marmoraria Carrara, em São Paulo. O anjo de asas abertas pede silêncio para não incomodar o sono dos mortos, ao tempo que representa a proteção divina.

Fig. 4: Túmulo pertencente à família Coelho Sampaio no cemitério Santa Isabel, em Aracaju



Fonte: Fotografia Rafael Santa Rosa (2011)

No cemitério da Recoleta há um anjo semelhante, em concreto, no jazigo de Salas Lagos (fig. 5), todavia, a coleta de dados biográficos não encontrou maiores informações sobre essa perso-

nalidade ou sua família, senão uma breve menção de que o sobrenome estaria ligado ao segmento militar argentino.

Fig. 5: Anjo pedindo silêncio (Salas Lagos), no cemitério Recoleta, em Buenos Aires



Fonte: Fotografia Janaina Mello (2011)

Já no jazigo da família José C. Paz (fig. 6) observa-se três anjos e duas musas em mármore carrara polido. A família traz consigo a história da fundação do jornal conservador *La Prensa* em

1869, com circulação de 25 mil exemplares. Os anjos com os braços estendidos suplicam, intercedem pelo morto junto aos céus.

Fig. 6: Anjos (família José C. Paz), no cemitério Recoleta, em Buenos Aires



Fonte: Fotografia Janaina Mello (2011)

Três anjos em postura de oração também aparecem circundando o túmulo de concreto do padre Anthony Dominic Fahy (fig.7), trabalhados em mármore e esculpidos por Earley & Co. De Dublin, Irlanda. Em sua composição a arte mortuária mescla os anjos ao busto, também em mármore, do padre e à uma imensa cruz celta de concreto.

Os anjos laterais com os braços flexionados assumem um julgamento, tendo em vista ser um padre um instrumento de confissão, julgamento e concessão de perdão.

Fig. 7: Jazigo do Padre Fahy, no cemitério Recoleta, em Buenos Aires

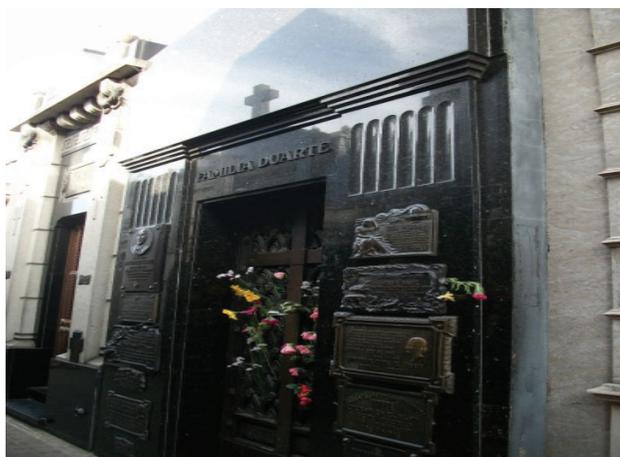


Fonte: Fotografia Janaina Mello (2012)

O jazigo da família Duarte (fig.8) é coberto por placas de granito na cor preta, sem adornos, destacando-se apenas na estética pela quantidade de placas de bronze de associações que homenagearam Eva Perón. O túmulo familiar fora comprado pelas irmãs de Evita e seu enterramento final se

deu em meio a um contexto de regime militar anti-peronista, talvez por esse motivo a sua discrição. Juan Perón foi enterrado no cemitério *La Chacarita* e recentemente seu corpo foi trasladado para um mausoléu no município de San Vicente.

Fig. 8: Simplicidade discreta (Família Duarte – Eva Perón)



Fonte: Fotografia Janaina Mello (2011)

Quando se realiza uma análise simbólica da arte tumular fotografada entre 2011 e 2012 nos cemitérios Santa Isabel e Recoleta, ressalta-se a presença dos anjos em ambos, tendo em vista que as “asas” representam a missão por Deus destinada a cada ser. Dentro desta designação incluem-se os anjos, arcanjos, serafins e querubins. São os anjos também um elo de ligação entre o céu e a terra. Assim, aqueles mausoléus que os possuem em sua arte anunciam simbolicamente que o morto está protegido e ungido pelos céus.

Alguns mausoléus possuem além de anjos, a cruz latina que simboliza a sorte e a esperança, representando o sacrifício e o sofrimento – a morte através da crucificação de Cristo – ou a cruz celta com um anel de interseção, cuja origem é anterior ao cristianismo. A cruz celta aparece no jazigo do padre Fahy (fig. 7) no cemitério da Recoleta, salientando-se que a arte tumular é de procedência irlandesa, região onde há uma significativa presença da cultura celta. A mesma cruz é ainda muito encontrada no cemitério *Père Lachaise*, em Paris, em função das imigrações de irlandeses para a França.

O próprio sepultamento em um mausoléu representa em si a magnitude, a grandeza e o luxo, por isso suas construções monumentais, cobertas de adornos, mármore ou granito, diferentemente das catacumbas que serviam de cemitérios subterrâneos longe dos olhares cotidianos. Segundo Clarival Prado Valladares:

o primeiro indício de bem-estar econômico se vê na compra do supérfluo, entretanto, entendido como sinal de notabilização. Gastar no túmulo faz parte do processo de diferenciação social, especialmente quando se pretende prestígio para o nome da família. Assim tem acontecido desde que os cemitérios secularizados se erigiram, [...] a fim de atender a nobiliarquia do segundo império brasileiro, alias, mais riqueza do que nobreza, dando sucessão aos pomposos jazigos de família dos barões aos ainda mais pomposos jazigos de família dos comendadores.²³

O cemitério Santa Isabel possui 226 sepulcros que datam de 1875 a 2011, sem levar em consideração o grande número de carneiros.²⁴ As notas de falecimento no jornal *Diário da Manhã – Jornal para todos*, do coronel Apulchro Motta, em Aracaju/SE (1911 – 1922), baseadas nos sepultamentos no cemitério Santa Isabel estão presentes em 84 jornais. Há uma diferenciação social ao noticiar a morte de alguns cidadãos.

O cemitério da Recoleta possui 4,7 mil mausoléus, dos quais 82 são tombados como patrimônio nacional (Decreto nº 2.039/1946). Dentre os escultores dos anjos estão Giulio Monteverde, Federico Fabiani e marmoristas anônimos. “Os funerais realizados em Buenos Aires e a construção dos mausoléus se incrementavam à medida em que a sociedade portenha enriquecia e se europeizava.”²⁵

²³ VALLADARES, C. P. *Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros*. Brasília: MEC-RJ, 1972.

²⁴ Depósitos de ossadas exumadas dos cemitérios.

²⁵ LOJO, María Rosa. *Historias ocultas en la Recoleta*. Buenos Aires: Alfaguara, 1954.

Apesar do caráter religioso dos símbolos estes permitem a observação das mudanças culturais na sociedade. Para alguns, o óbito nivela socialmente todos os indivíduos, porém a prática mostra que o espaço cemiterial é um ambiente carregado de símbolos que representam a morte e revelam como a necrópole de sociedades em constante mudança serviu para reproduzir a estratificação social do mundo dos vivos.

Na esfera das representações sociais, as mortes podem e devem ser entendidas como “geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real”²⁶ através dos cortejos fúnebres e dos símbolos que ilustram os túmulos.

Nesse sentido, Roger Chartier afirmou que “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam.”²⁷ Então, através dos ritos e práticas funerárias das sociedades arcajuana e portenha, pode-se entender as representações sociais elaboradas em torno da morte. Soma-se a justificativa à ideia de que:

as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos

pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, o seu domínio.”²⁸

Assim, os túmulos pomposos erigidos nos dois cemitérios desvelam nuances da estratificação social encontradas no domínio da morte.

Entre convergências e divergências, os cemitérios Santa Isabel e Recoleta possuem na arte tumular seu principal viés de representação simbólica de poder econômico, cultural e social quer em Sergipe, quer em Buenos Aires. Ambos configuram em seus jazigos a representação da vida/morte burguesas.

Para além da vida, dominar a representação da morte é por excelência um ato cultural de poder, quer no passado, quer na contemporaneidade.

Referências bibliográficas

BELLOMO, Harry (org). *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Aglès – Portugal: Difel, 2002.

DANTAS, Ibarê. *História de Sergipe: República (1889-2000)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

²⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p.39.

²⁷ CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Aglès – Portugal: Difel, 2002, p. 17.

²⁸ Id, *ibid*.

DETHLEFSEN, Edwin; DEETZ, James. Death's heads, cherubs and willow trees: experimental archaeology in colonial cemeteries. *American antiquity*, 1996, 31:4, 502-510.

DETHLEFSEN, Edwin; DEETZ, James. Eighteenth century cemeteries: a demographic view. *Historical Archaeology*. Vol I, 1967, 40-42.

DIÁRIO DA MANHÃ: JORNAL PARA TODOS, Sergipe – Aracajú, maio/1912 a jan. 1919.

GINZBURG, Carlo. Representação: a palavra, a ideia, a coisa. *Olhos de madeira*: nove reflexões sobre a distância. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 85-103.

LIMA, Tania Andrade. De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais). *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Ser. Vol.2 p.87-150 jan./dez., 1994.

LOJO, María Rosa. *Historias ocultas en la Recoleta*. Buenos Aires: Alfaguara, 1954.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. *Cemitérios*. São Paulo: Editora Necrópolis, 2007.

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. *O céu aberto na terra*; uma leitura dos cemitérios de São Paulo na geografia urbana. São Paulo: E.C.M. Rezende, 2006.

RIBEIRO, Marily Simões. *Arqueologia das práticas mortuárias*: uma abordagem historiográfica. São Paulo: Alameda, 2007.

RODRIGUES, Cláudia. *Lugares dos mortos na cidade dos vivos*: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1997.

SCHÁVELZON, Daniel; MAGAZ, María del Carmen. Cuando el arte llegó al cemento: Arquitectura de grutescos y rocallas en Buenos Aires. *Todo es Historia*, nº 320, marzo de 1994, pps. 62-70, Buenos Aires.

VALLADARES, C. P. *Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros*. Brasília: MEC-RJ, 1972.